

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA**

Edilene da Silva Nery

**TIA MARIA DO JONGO E AS MATRIARCAS DA
SERRINHA: Identidade, memória e resistência**

Rio de Janeiro
2025



Edilene da Silva Nery

TIA MARIA DO JONGO E AS MATRIARCAS DA SERRINHA: Identidade, memória e resistência

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador Professor M.e Glaydson Gonçalves
Matta.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

N456 Nery, Edilene da Silva
Tia Maria do Jongo e as matriarcas da Serrinha : identidade, memória e resistência / Edilene da Silva Nery. - Rio de Janeiro, 2025.

30 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Glaydson Gonçalves Matta.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Jongo (Dança). 3. Matriarcado. 4. Memória e identidade. 5. Resistência. I. Matta, Glaydson Gonçalves. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Edilene da Silva Nery

**TIA MARIA DO JONGO E AS MATRIARCAS DA SERRINHA: Identidade,
memória e resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 30/04/2025.

Banca Examinadora:

Prof.º M.e Glaydson Gonçalves Matta (Orientador)
CPII-EEHA

Prof.º M.e Arthur José Baptista (Titular Interno)
CPII-EEHA

Prof.ª M.ª Lívia Vargas de Souza (Titular Externa)
CPII-Departamento de Geografia

Prof.º M.e Luciano de Moura Guimarães (Suplente Interno)
CPII-EEHA

Prof.º M.e Guilherme Porciúncula Bresciani Cerqueira Linhares (Suplente Externo)
CPII-Departamento de História

Rio de Janeiro
2025

TIA MARIA DO JONGO E AS MATRIARCAS DA SERRINHA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Edilene da Silva Nery

Resumo: Este trabalho discute a importância das matriarcas do jongo no Morro da Serrinha, em Madureira, na cidade do Rio de Janeiro. Com destaque para Tia Maria do Jongo, uma das principais lideranças da comunidade, pretende-se analisar o papel destas mulheres na construção da memória e da identidade de um território jongueiro, contribuindo para a preservação das tradições do jongo da Serrinha enquanto espaço de resistência negra. O trabalho traz ainda duas propostas de atividades pedagógicas voltadas para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Desta-forma, busca-se pensar as possibilidades de utilização do jongo nas escolas como instrumento de valorização da diversidade étnica e cultural, contribuindo para uma educação antirracista a partir do protagonismo e da luta de mulheres negras.

Palavras-chave: jongo; matriarcas; identidade; memória, resistência

TIA MARIA DO JONGO AND THE MATRIARCHS OF SERRINHA: IDENTIFY, MEMORY, AND RESISTANCE

Abstract: This paper discusses the importance of the matriarchs of jongo in Morro da Serrinha, located in Madureira, in the city of Rio de Janeiro. Focusing on Tia Maria do Jongo, one of the main leaders of the community, the study aims to analyze the role of these women in constructing the memory and identity of a jongo territory, contributing to the preservation of Serrinha's jongo traditions as a space of Black resistance. The work also presents two proposals for pedagogical activities designed for the elementary education. In this way, it seeks to explore the possibilities of using jongo in schools as a tool for valuing ethnic and cultural diversity, thereby contributing to anti-racist education based on the leadership and struggle of Black women.

Keywords: jongo; matriarchs; identity; memory; and resistance.

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais lutas contra a escravidão foi a afirmação da humanidade dos escravizados, em oposição à sua objetificação e mercantilização. A escravidão, sistema de trabalho forçado sustentado por leis, costumes e violência, remonta à Antiguidade e ainda persiste sob diferentes formas na atualidade. Ao longo da história, povos derrotados em guerras foram frequentemente transformados em cativos, vendidos e submetidos à condição de escravos, perpetuando uma prática de desumanização ao longo dos séculos.

No século XIX, visitantes estrangeiros que estiveram no Brasil observaram e registraram práticas culturais de resistência de africanos escravizados, como o canto durante o trabalho. De acordo com o historiador João José, o príncipe Alexandre de Württemberg, que esteve na Bahia em abril de 1853, afirmou: "Quer descendo ou subindo, vencendo encostas íngremes e caminhos pedregosos – cantam! Cantam sempre durante o trabalho." (Wurttemberg, *apud* Reis, 1993).

A música, o ritmo responsorial e os sons pareciam atuar como uma força motriz, impulsionando os corpos negros e amenizando o peso do trabalho imposto sobre eles. Mais do que entretenimento, essas práticas permitiam a expressão simbólica da resistência, conectando os indivíduos a uma rede coletiva de ancestralidade. Dessa forma, contribuía para a manutenção de uma estrutura de integridade comunitária, e permitindo aos escravizados a reafirmação de sua humanidade (Reis, 1993).

Muitos desses cantos, muitas vezes não compreendidos por europeus, incorporavam metáforas e símbolos para denunciar a opressão, como observado por diversos viajantes. Os africanos escravizados mantinham vivas práticas culturais que iam muito além do canto, estabelecendo uma resistência cotidiana. Além das tradicionais canções africanas de trabalho, os escravizados criavam letras metafóricas para criticar os brancos, fazendo alusões às relações entre senhores e escravizados e à forma como eram tratados. Esses cantos abordavam diretamente a exploração do trabalho e os sofrimentos da escravidão, mas também evocavam os raros momentos de felicidade. (Maximiliano, *apud* Reis, 1993).

Essas conexões culturais são exploradas no documentário *Razões Africanas* (2023), dirigido por Jefferson Mello, que percorre países como Brasil, Cuba, Estados Unidos, Congo, Angola e Mali, para traçar os laços entre música, memória e resistência. O documentário atravessa diferentes tempos e espaços, conectando passado e presente, África e América. Nesta jornada audiovisual, três gêneros musicais de matriz africana são destacados: o blues, do Mississippi, a rumba, de Havana, e o jongo, no estado do Rio de Janeiro. A obra destaca a importância das canções africanas no cotidiano dos escravizados especialmente durante o trabalho, e traz as origens de importantes gêneros musicais nas Américas, surgidos a partir da diáspora africana.¹

No Brasil, a trajetória do Jongo da Serrinha, em Madureira (RJ), é apresentada por Lazir Sinval, uma das líderes comunitárias da manifestação. Ela compartilha sua história e a de sua família, destacando seu envolvimento na preservação e resistência afro-cultural através do jongo. No documentário de Jefferson Mello, a presença de elementos culturais da cidade de Lubango, no sul de Angola, evidencia a presença de batuques, danças, cantigas e pontos que dialogam diretamente com o jongo, reforçando a conexão entre essas expressões musicais.

Já o documentário *Memórias do Cativo*, produzido pelo Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, reforça a presença do jongo em comunidades quilombolas, como no Quilombo São José da Serra (RJ), onde a oralidade e os pontos de jongo são transmitidos entre gerações como forma de resistência cultural. Sob a direção acadêmica das historiadoras

¹ RAZÕES AFRICANAS. Direção: Jefferson Mello. Brasil, EUA, Cuba, Angola, Mali, República Democrática do Congo, 90 min, 2023.

Hebe Mattos e Martha Abreu, o documentário apresenta não só as experiências de uma roda de jongo, mas também recolhe depoimentos e entrevistas de descendentes de escravizados.

No Quilombo São José da Serra, localizado na Serra da Beleza, em Santa Isabel do Rio Preto, distrito de Valença (RJ), diversos atores sociais compartilham suas histórias, mas Manoel Seabra e Mãe Zeferina se destacam, provavelmente por serem os mais longevos e guardarem muitas memórias da vida no quilombo e das rodas de jongo. Durante o filme, diversos pontos de jongo são entoados, caracterizados por sua estrutura responsorial: o solista inicia com versos livres e improvisados, enquanto o refrão é repetido pelo grupo. Esses pontos expressam o contato com a natureza, o cotidiano de trabalho nas fazendas e a revolta contra a opressão.

Particularmente, meu primeiro contato com o jongo ocorreu em 2017, durante a disciplina História e documentos, com o professor Luís Carlos Palermo, pelo CEDERJ/UNIRIO. Até então, eu desconhecia essa manifestação cultural afro-brasileira trazida por africanos e criada durante a diáspora. A partir de então, decidi que minhas pesquisas acadêmicas abordariam a escravidão, optando por me aprofundar no estudo do jongo. Por estar distante de onde resido, o Quilombo São José da Serra exigiria um deslocamento extenso e custos financeiros elevados. Diante disso, optei por concentrar minhas pesquisas no Jongo da Serrinha, em Madureira, que se mostrou uma alternativa mais acessível.

Vale lembrar que atualmente o jongo é reconhecido e tombado como patrimônio cultural imaterial do Brasil. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil):

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas (IPHAN. **Dossiê nº 5 - Jongo no Sudeste**. Brasília: Iphan, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf Acesso em 11/04/25).

Sendo assim, em 4 de agosto de 2000, foi promulgado o Decreto nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e em 15 de dezembro de 2005, o jongo foi oficialmente registrado como patrimônio imaterial brasileiro pelo, garantindo sua preservação e valorização.

Diante desse reconhecimento, este artigo busca apresentar a construção, tradição e preservação do Jongo da Serrinha, em Madureira (RJ), destacando a força das matriarcas, a história das famílias que se estabeleceram no morro e a recriação de práticas culturais ligadas à identidade étnica. Mais do que um símbolo de resistência, o jongo é um dos precursores do samba e permanece vivo como uma expressão cultural e espiritual de grande relevância para o povo negro brasileiro.

2 O JONGO

O jongo é uma manifestação cultural afro-brasileira que simboliza resistência, identidade e memória, tendo suas raízes nos saberes, ritos e crenças de povos africanos, especialmente os de língua banto. É uma forma de expressão que integra percussão de tambores e dança coletiva, sendo praticado sobretudo nos quintais das periferias urbanas e de algumas comunidades rurais do sudeste brasileiro.

Imagem 1 – Roda de Jongo no Quilombo São José da Serra, Valença-RJ



Fonte: LOBO, Daniel. Roda de Jongo no Quilombo, Jongo do Vale do Café. **Philos**, 2023. Disponível em: <https://revistaphilos.com/ouca-jongo-do-vale-do-cafe-album-que-revela-as-raizes-do-jongo/> Acesso em: 04/06/2025

Além de ser uma louvação aos antepassados, ele fortalece tradições e reafirma identidades, tendo nas festas dos santos católicos, como as festas juninas e do Divino, seus momentos de maior expressão. Sem esquecer, é claro, de datas que têm íntima relação com a luta pela abolição da escravidão e com a resistência da população negra no país, como o 13 de maio e o 20 de novembro, momentos em que se resgata um passado de luta contra o cativo e pela conquista de direitos.²

Nesse meu encontro com o jongo, um dos pontos que mais me chamou a atenção foi composto por Toninho Canecão, um dos líderes do Quilombo São José da Serra: “Ah, eu fui na mata buscar a lenha / Eu passei na cachoeira e molhei a mão./ Senhor da Pedreira, / Benza essa fogueira / Além da fogueira /Ajudai todos os irmãos.”³

A essência do jongo é a mesma em todo o território jongueiro, pois está ligado às almas e aos pretos velhos. No entanto, cada comunidade possui suas especificidades, como rituais religiosos, vestimentas e modos de dançar e cantar. Embora o jongo tenha uma forte conexão espiritual, em uma roda de jongo manifestações mediúnicas são raras. Por isso, como enfatizava Tia Maria, o jongo não é uma religião, mas sim uma manifestação cultural afro-brasileira.⁴

No período da escravidão, os jongueiros utilizavam palavras cifradas para criar um vocabulário próprio, permitindo que se comunicassem secretamente. Dessa forma, transmitiam mensagens sobre protestos contra a escravidão, críticas aos senhores,

² IPHAN. **Jongo, patrimônio imaterial brasileiro**. Brasília: Iphan, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf. Acesso em 11/04/25.

³ EU FUI NA MATA. Interpretes: Manoel Seabra, Terezinha Maria de Jesus, Jorge Maria, Gilmar da Silva Roberto, Maria Luzia da Silva Roberto, Rosimeri Gonçalves Fernandes, Jorge do Nascimento Fernandes, Antônio de Pádua. Compositor: Toninho Canecão. In: Jongo do Quilombo São José. Rio de Janeiro: Toca Estúdio, 2008.

⁴ UMA RESENHA COM TIA MARIA DO JONGO. Produção: João Luiz. Rio de Janeiro, 27min48s, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ffzOeD3Wf5U&t=806s> Acesso em: 05/06/2025.

combinações para festas de tambor e até mesmo planos de fuga. Além disso, o som dos tambores funcionava como um meio de comunicação: escravizados de fazendas vizinhas conseguiam decifrar convites para rodas de jongo, superando as longas distâncias que os separavam. Para interromper um ponto de jongo, era comum pronunciar certas palavras em alto e bom som. No Estado do Rio de Janeiro, utiliza-se a palavra machado, enquanto em São Paulo a palavra cachoeira é empregada para encerrar um ponto e iniciar outro. (Mattos; Abreu, 2009).

O jongo era dançado pelos escravizados nas lavouras de café do Vale do Paraíba, no interior do Estado do Rio de Janeiro, e nas lavouras de cana-de-açúcar no norte do estado e no Espírito Santo, durante o século XIX e ao longo do século XX. Com a abolição da escravatura, em 1888, muitos ex-escravizados migraram para cidades próximas, enquanto outros se estabeleceram em grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, ocupando os morros cariocas. O Morro do Salgueiro e o Morro da Serrinha, localizados nos bairros da Tijuca e de Madureira, respectivamente, tornaram-se territórios jongueiros urbanos tradicionais na cidade do Rio de Janeiro. Já nas áreas rurais, a população negra e pobre continuou a praticar o jongo, preservando e ressignificando sua cultura.

Mapa 1 – Distribuição geográfica dos grupos de caxambu, jongo e tambor



Fonte: IPHAN. **Dossiê nº 5 - Jongo no Sudeste**. Brasília: Iphan, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf Acesso em 11/04/25.

Na historiografia, duas correntes principais buscam explicar a origem do jongo. A primeira, respaldada por estudiosos folcloristas, como Arthur Ramos e Edison Carneiro, defende que o jongo tem origem na região do Congo-Angola, sendo trazido ao Brasil pelos africanos bantos, que trabalhavam nas lavouras de mineração e café. Já a segunda, mais recente, argumenta que essa manifestação cultural surgiu do contato entre a cultura dos escravizados e a dos proprietários de terras nas antigas áreas cafeeiras do sudeste brasileiro no século XIX.

Vale dizer que o jongo é uma recriação histórica dos escravizados no Brasil, refletindo a pluralidade cultural que se formou nas Américas a partir da diáspora africana. Não se trata apenas de uma fusão entre culturas europeias, africanas e indígenas, mas sim o resultado de experiências culturais diversas, nas quais as tradições africanas foram modificadas e reinventadas em diferentes regiões do Brasil.

Imagem 2 - Roda de jongo e fogueira no Quilombo José da Serra



Fonte: PEIXOTO, Domingos. A comunidade de São José da Serra comemora a Festa do Preto Velho. *O Globo*, 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/05/18/maior-festa-quilombola-do-estado-no-municipio-de-valenca-retoma-neste-sabado-tradicao-interrompida-ha-cinco-anos.ghtml> Acesso em: 04/06/2025.

No Rio de Janeiro, a trajetória do jongo inclui sua migração do interior do Sudeste para a capital, especialmente para o Morro da Serrinha, a partir da década de 1920. No contexto urbano, o jongo tornou-se um instrumento de sociabilidade entre os moradores, fortalecendo a identidade cultural e a conexão com suas raízes. Considerado um dos precursores do samba, o jongo é descrito na literatura como uma dança ritualística e mística, na qual os ancestrais são reverenciados. Suas letras, conhecidas como *pontos de jongo*, possuem significados variados e podem ser interpretadas de diferentes formas, de acordo com a realidade social, política e econômica da comunidade jongueira.

Utilizando uma linguagem cifrada, os pontos criam um sistema de comunicação que exclui os ouvintes leigos, sendo compreendidos apenas pelos participantes do culto e da tradição. De acordo com Robert Slenes, a palavra "jongo" tem origem na língua bantu. No kikongo, "nsõngi" significa "ponta, aguilhão"; "nzõngo" quer dizer "tiro de fuzil, carga de pólvora"; e a expressão "nzõngomya`nnua" remete a "tiro/combate com a boca, disputa, imitação de um tiro de fuzil". Essas palavras possuem equivalências em outras línguas bantas, como o umbundu e o kimbundu, reforçando a ligação do jongo com as culturas africanas. (Slenes, 2007).

A dança do jongo acontece em uma roda formada por homens e mulheres que giram no sentido anti-horário, alternando passos para a direita e para a esquerda, sempre mantendo a direção para a esquerda. Cada território jongueiro possui particularidades na forma de dançar. No centro da roda, casais se revezam em solos, sendo substituídos sucessivamente. Nos territórios rurais, a fogueira é um elemento central nas rodas de jongo, reforçando o caráter tradicional e simbólico da manifestação.

2.1 O jongo na Serrinha

No Jongo da Serrinha, há uma especificidade: sempre cabe ao homem convidar a mulher para dançar na roda, e nunca dois homens ou duas mulheres dançam juntos no centro. Além disso, o Jongo da Serrinha possui cinco passos característicos: *tabiado*, *amassa café*, *um dois*, *contratempo* e *mancador* (também chamado de *passo do preto velho*). Os tambores são os instrumentos essenciais do jongo. No Jongo da Serrinha, utilizam-se três principais: *tambu*, *caxambu* e *candongueiro*. Cada um deles possui uma sonoridade distinta: o *tambu* emite um

som grave, o *caxambu* tem um tom intermediário e o *candongueiro* produz um som agudo.

Os tambores podem ser artesanais, feitos a partir de um tronco oco com uma pele seca esticada, que é aquecida na fogueira antes do início da roda, ou podem ser fabricados em escala industrial. Outros instrumentos complementares incluem a *puíta* (semelhante a uma cuíca) e o chocalho, conhecido por diversos nomes, como *guaia* e *agoiá*. Nas rodas do Jongo da Serrinha, normalmente utilizam-se os três tambores, mas em outros territórios jongueiros podem ser usados apenas dois ou até mesmo um único tambor.

A formação do Morro da Serrinha seguiu um processo semelhante ao de outros morros cariocas. Após a abolição da escravidão, em 1888, muitas famílias de ex-escravizados se estabeleceram próximas à área portuária do Rio de Janeiro. Com a política do "*bota-abaixo*", implementada pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906) no início do século XX, cortiços e habitações populares foram demolidos, forçando a população negra e pobre a buscar moradia nos morros e áreas periféricas da cidade. Forçada a deixar o centro da cidade, a população negra e pobre se deslocou para os morros, incluindo a Serrinha, no bairro de Madureira.

Imagem 3 - Os três tambores tambu, candongueiro e o caxambu



Fonte: NERY. 2025 – Acervo pessoal.

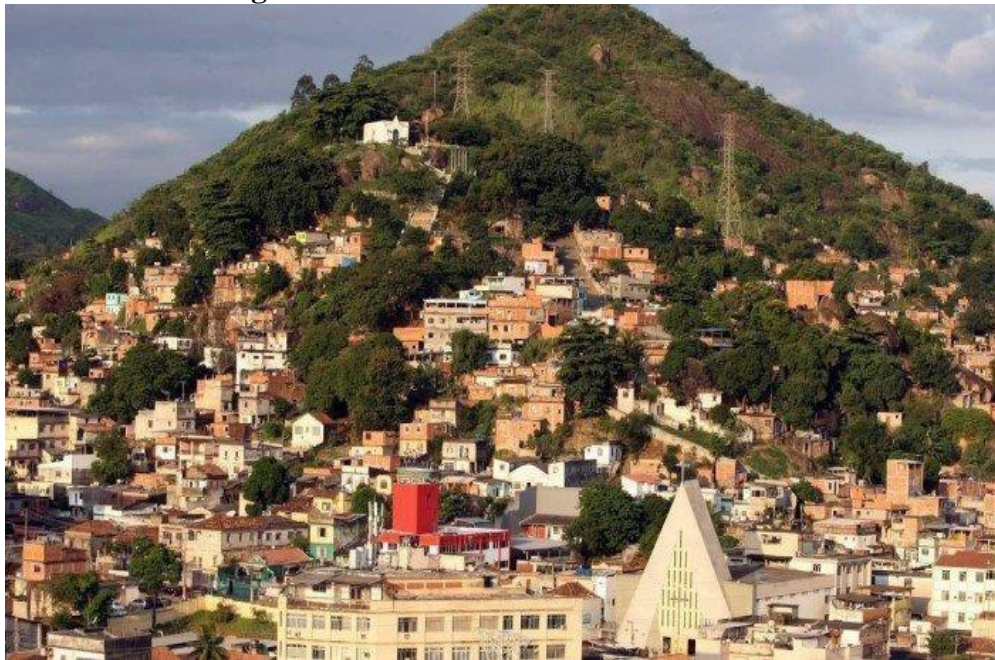
Edir Gandra, num trabalho intitulado *Jongo da Serrinha: dos Terreiros aos Palcos*, cita as lideranças comunitárias que se destacaram no território jongoeiro. Entre estes, se encontram Pedro Francisco Monteiro e sua esposa, Maria Joana Monteiro, conhecida como Vovó Maria Joana Rezadeira. (Gandra, 1995).

O casal se estabeleceu na comunidade por volta de 1929, onde nasceram seus filhos, Darcy Monteiro e Eva Emily Monteiro. Outros jongoeiros importantes foram Pedro Monteiro, José Nascimento e Francisco Zacarias de Oliveira, este último também envolvido na fundação dos primeiros blocos carnavalescos da região e na implementação de melhorias no morro, como a instalação da primeira bica d'água e a ampliação da rede elétrica. (Sinval; Monteiro, 2022).

Na Serrinha, as rodas de jongo ocorriam durante grandes festas religiosas e celebrações familiares, preservando a tradição dos tempos da escravidão. Além de promover a interação e a coesão social, o jongo também funcionava como um elemento de identidade e pertencimento, fortalecendo laços comunitários e impedindo a participação de estranhos. Segundo Mestre Darcy, filho de Vovó Maria Joana, “o jongo era próprio das relações da Serrinha, mas não era do domínio de todos. Os jongoeiros eram preconceituosos, não

estendendo o aprendizado” (Castro, 2000, p. 59).

Imagem 4 – Morro da Serrinha – Madureira



IVAN, Carlos. O Morro da Serrinha em Madureira. **O Globo**. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/morador-morre-ao-ser-atingido-por-bala-perdida-no-morro-da-serrinha-em-madureira-16877064> Acesso em: 04/06/2025.

O jongo foi uma prática de interação, controle e coesão social dos primeiros moradores, portanto, não se estendia a novos moradores. No passado, o aprendizado do jongo ocorria de maneira informal, no dia a dia e durante as festividades. A geração de Lazir Sinval, Darcy Antônio e Dely Monteiro aprenderam observando os mais velhos. Em uma entrevista de 2014, Tia Maria afirmou que o jongo era tradicionalmente dançado pelos mais idosos. Mais tarde, ela foi convidada por Mestre Darcy para ensinar as crianças, assumindo o papel de "griô", mestre da tradição oral africana. Foi então que Vovó Maria Joana chamou seu filho Darcy para elaborar um projeto que garantisse o ensino do jongo às crianças, evitando que essa tradição se perdesse.

Outros herdeiros do jongo na Serrinha incluem Dely Monteiro,⁵ responsável pela parte religiosa; Lazir Sinval,⁶ encarregado do ensino da dança e dos pontos na Escola de Jongo; Darcy Antônio,⁷ responsável pela percussão; e Mestre Ivo,⁸ vice-presidente do Grupo Cultural Jongo da Serrinha. O Grupo Cultural Jongo da Serrinha, criado em 2000, tem como missão preservar e manter viva essa tradição, garantindo que não caia no esquecimento. Neste jongo, composto por Lazir Sinval, temos uma homenagem à Tia Maria do Jongo da Serrinha:

Preta velha jongueira / Meu caxambu está lhe chamando / Sinto a poeira do chão levantando / Com seu tabiado / Minha vovó benzeu no tambú / Vai caminhando para tabiar / Minha vovó benzeu no tambú / Vai caminhando para tabiar / Ae! vovó, caxambú tá no terreiro / Como é lindo vovó / O rufar do candongueiro / Minha vovó benzeu no tambú / Vai caminhando para tabiar / Minha vovó benzeu no tambú / Vai caminhando para tabiar (PRETA. Interprete: Nilze Carvalho. Compositor: Lazir Sinval. *In*: Nos combates da vida. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2024.).

⁵ Deli Monteiro, atual matriarca, neta da Vovó Maria Joana.

⁶ Lazir Sinval, responsável pela parte artística, sobrinha-neta de Tia Maria.

⁷ Darcy Antônio, filho de Mestre Darcy.

⁸ Mestre Ivo, filho da Tia Maria, vice-presidente do Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

cozinheira do Marechal Deodoro da Fonseca. Mãe de Mestre Fuleiro (na Serrinha, os homens são tradicionalmente chamados de "Mestre"), Vovó Tereza teve papel fundamental na preservação do jongo. Em frequentes visitas à comadre Vovó Maria Joana, Darcy e Eva, participou da criação da primeira formação do Jongo da Serrinha. Vovó Maria Joana (1902-1986): Uma mãe de santo visionária, umbandista e uma das principais responsáveis pela preservação e difusão do jongo no Brasil. Além de sua atuação religiosa, foi parteira, líder comunitária, produtora cultural, diretora artística, gestora, compositora e sambista. Junto com seus filhos, Eva e Darcy, fundou o Grupo Jongo da Serrinha, deixando um legado inestimável para a cultura afro-brasileira. Tia Eva (Eva Emely Monteiro, 1938-1994): Fundadora do Jongo da Serrinha ao lado de sua mãe, Vovó Maria Joana, e de seu irmão, Darcy. Além de mãe de Dely Monteiro (atual matriarca), foi produtora cultural, cozinheira, compositora, sambista e gestora de conflitos, desempenhando um papel fundamental na manutenção do jongo. Tia Eva adoeceu repentinamente, sentindo fortes dores de cabeça. O médico recomendou uma cirurgia de emergência, mas sua mãe, Vovó Maria Joana, fez uma promessa a Obaluaíê (sincretizado como São Lázaro). Se Eva se recuperasse, realizaria uma festa para os cachorros durante sete anos, onde apenas os cães comeriam em um grande banquete. Milagrosamente, no dia seguinte, o médico informou à família que a cirurgia não seria mais necessária. A festa dos cachorros se tornou uma tradição e ocorreu por mais de sete anos, marcando a devoção e a força espiritual da família. Tia Maria do Jongo (1920–2019): Nascida no Morro da Serrinha, foi líder do Jongo da Serrinha dos anos 1990 até seu falecimento, em 2019. Seu quintal, em Madureira, tornou-se um dos espaços mais importantes para a preservação do jongo na cidade do Rio de Janeiro. Mulher de múltiplas habilidades, Tia Maria foi articuladora política, educadora, mãe, gestora, líder comunitária, dançarina, compositora e cantora. Além disso, foi uma das fundadoras da escola de samba Império Serrano, deixando um legado cultural inestimável. Ao longo de sua vida, reuniu um vasto acervo de escritos, fotografias, documentos, objetos e prêmios, que estão sendo catalogados e organizados para exposição pública no Museu da Tia Maria, localizado no Quilombinho, na subida da Rua Balaiada. Deli Monteiro: Atual liderança do Jongo da Serrinha e herdeira do axé de Vovó Maria Joana. Reside na mesma casa onde nasceu, na Serrinha, local onde o Jongo da Serrinha foi criado e onde está preservado o terreiro Tenda Espírita Cabana de Xangô. Como zeladora do espaço, Deli cuida das obrigações e oferendas consagradas aos guias e orixás da casa: Xangô, Iemanjá, Pai Antônio e Caboclo Mata Virgem, embora o terreiro não realize mais toques ou giras. Além de sua atuação espiritual, Deli é cantora, dona de uma voz potente, além de griô (contadora de histórias), gestora e articuladora política e comunitária, desempenhando um papel fundamental na preservação e transmissão do jongo. Lazir Sinval: Sobrinha-neta de Tia Maria do Jongo e liderança do Jongo da Serrinha ao lado de Deli. Lazir é poeta, cantora, compositora, dançarina, produtora, educadora, diretora artística e uma importante articuladora política e comunitária, contribuindo ativamente para a continuidade e fortalecimento do jongo. (Sinval; Monteiro, 2022, p. 12-13).

A partir de agora, abro um momento especial para destacar a importância de Tia Maria para a comunidade da Serrinha e para a preservação e memória do jongo. Maria de Lourdes Oliveira, mais conhecida como Tia Maria do Jongo, foi a décima primeira filha de Etelvina Severo de Oliveira e Francisco José de Oliveira. Seu pai, apelidado de Zacarias em referência ao nome do avô, trabalhava na Estrada de Ferro e também era conhecido como Chiquinho. Tia Maria relatava que seus pais chegaram à Serrinha em 1910, vindo de Minas Gerais de trem, acompanhados de cinco filhos e das tias Cornélia e Lauderlina. (Sinval; Monteiro, 2022).

Nascida numa rua chamada Balaiada, Tia Maria sentia orgulho de ter nascido e crescido na Serrinha. Desde muito jovem, dedicou-se ao cuidado da família e da comunidade, estando sempre presente nos momentos mais importantes da vida de seus vizinhos e entes queridos: nos nascimentos, nas celebrações e nos desafios do cotidiano. Anotava todas as datas, pois era muita gente, mesmo tendo uma memória incrível. (Sinval; Monteiro, 2022).

Imagem 6 – Tia Maria do Jongo



Fonte: GABRIEL, Leonne. Tia Maria, a guardiã do Jongo da Serrinha. **Mundo negro**, 2019 disponível em: <https://mundonegro.inf.br/tia-maria-a-guardia-do-jongo-da-serrinha/> Acesso em: 04/06/2025.

Além dos momentos comemorativos, esteve sempre disponível para apoiar nos conflitos familiares, sendo uma espécie de conselheira, e nos momentos de doença e falecimento, oferecendo conforto e orientação. Era uma mulher forte e determinada, linda e carismática, acolhedora, dócil e meiga. No entanto, sabia se impor quando necessário e não hesitava em dizer "não" quando preciso. Sempre apontava o melhor caminho para resolver os desafios e conflitos que surgiam.

Tia Maria falava com tristeza sobre suas memórias relacionadas à escravidão. Sua avó foi escravizada, e sua mãe, liberta aos nove anos de idade. Evitava lembrar esse período, pois foi marcado por dor, sofrimento e crueldade. Figura de grande importância no jongo, ao chegar em uma roda, todos vinham cumprimentá-la e pedir sua bênção. Em sua casa, muitas crianças deram os primeiros passos no jongo, entre elas sua sobrinha-neta Lazir Sinval, que se tornaria uma das lideranças dessa tradição. Para as crianças, a casa de Tia Maria era como um reino encantado, onde ouviam histórias, brincavam, lanchavam e aprendiam a dançar jongo.

O quintal da Tia Maria, na Grotta, Morro da Serrinha, tinha um som muito especial. Muitos já chegavam cantando, embalados pela energia vibrante do lugar. Depois de caminhar por toda a Rua Dr. Joviano, bastava subir a ladeira, passar pelo valão, virar à direita no número 668 e continuar subindo até a casa, que ficava no alto. Tia Maria era apaixonada pelas rodas de samba de partido-alto. Sempre que podia, riscava o samba no chão, colocando as mãos na cintura e requebrando até o chão, demonstrando sua paixão pela música e pela dança com elegância e leveza. (Sinval; Monteiro, 2022).

Na Serrinha, o jongo acontecia durante todo o ano, sempre após as festas dos santos católicos, acompanhadas de procissões, e também nas comemorações de aniversários. Qualquer celebração era motivo para abrir uma roda de jongo. Quem organizava o jongo também oferecia comida farta, garantindo que todos fossem bem recebidos. Jongueiros de diversas localidades vinham prestigiar a festa, sempre trajados com elegância: as mulheres vestiam saias de chita, blusas brancas e lenços na cabeça; os homens usavam calças arregaçadas, camisas brancas e chapéus Panamá. Todos dançavam descalços, em respeito à tradição, lembrando que, no período da escravidão, os africanos escravizados não usavam calçados.

Na Serrinha, os mais velhos eram profundamente respeitados. Os homens eram chamados de "mestres", e as senhoras idosas, de "tias", em sinal de reverência e carinho. Grande parte dos idosos da Serrinha – muitos já partiram – dedicou-se a trabalhos árduos. Os

homens trabalhavam na estiva, no cais do porto, aguardando para carregar e descarregar os navios atracados. Esse era um dos poucos meios de trabalho acessíveis aos negros na época. (Reis, 1993).

Tia Maria também foi uma grande contadora de histórias, uma griô. Com maestria, narrava relatos da Serrinha, lembrando-se de tudo com riqueza de detalhes. Descrevia com nostalgia o verde intenso da mata, os bambuzais, os pés de bananeira, a cachoeira e até os encontros com onças. Falava das plantações, carregadas de abacateiros, mangueiras, caramboleiras, laranjeiras e hortas, além da criação de galinhas, patos, marrecos e porcos. O leite era comprado na venda do Sr. Edgard Romero, que foi um político influente na região e cujo nome hoje batiza uma das principais vias de Madureira: a Avenida Ministro Edgard Romero. (Sinval; Monteiro, 2022).

Atualmente, muitas ruas da Serrinha foram renomeadas para homenagear mestres jongueiros que já partiram. A antiga Rua Itaúba recebeu o nome de Rua Mano Décio da Vila; a Rua Pescador Josino tornou-se Rua Mestre Darcy; e a Rua Maruim passou a se chamar Rua Silas de Oliveira, a Rua Mestre Fuleiro passou a se chamar Rua Antônio dos Santos. Uma das frases mais marcantes de Tia Maria era: “Eu já fui criança, mas a criança que eu fui ainda vive em mim” (Sinval; Monteiro, 2022, p. 132).

Tia Maria mamou até os nove anos e, por isso, dizia ser uma pessoa forte. Na antiga Rua Itaúba, havia um terreno baldio onde sua mãe, junto com outras moradoras, lavava roupa. O curioso era que, mesmo já crescida, Tia Maria continuava agarrada ao peito da mãe, mamando. Depois, enchia uma pequena lata com água e subia a ladeira equilibrando-a na cabeça. No entanto, ao chegar em casa, a lata estava vazia. Sua prima Leonor, ao perceber, olhava para ela com ar zombeteiro e cantava um ponto de jongo, que ainda hoje é entoado nas rodas da Serrinha: Maria sobe o morro /Bunda dela terêmeu,/ Ai, coração me dói.

Tia Maria contava que, aos 11 anos, começou a trabalhar na casa de dona Catarina, na própria rua onde morava, na Balaiada, com a intenção de aprender a costurar. Porém, na prática, ela acabava lavando louça e varrendo o quintal. Aos 14 anos, começou a trabalhar na tipografia, na cidade, na Rua Pimenta de Melo. Lá, ela encadernava revistas, livros e cadernos para a Revista Carioca. Depois, foi trabalhar em casas de família, onde dormia no emprego e suas folgas eram quinzenais.

Tia Maria casou-se com Ivan Mendes em 18 de abril de 1942, sendo ele seu terceiro namorado. Ivan, nascido em 3 de novembro de 1915, natural do Estado da Guanabara, trabalhava como motorista na Casa da Moeda, no Ministério da Fazenda. Após o casamento, Tia Maria passou a ser chamada de Maria do Ivan. O casal se casou no civil, porque Ivan se recusou a casar na igreja. Ele não gostava de padres, pois, naquele tempo, os padres eram estrangeiros e rígidos, além disso, Ivan dizia: “Eles rezam a missa de costas para a gente”. Para ele, também pesava o fato de não existir padre negro. Naquela época, as missas eram celebradas em latim, com o padre de costas para a assembleia. (Sinval; Monteiro, 2022)

Atualmente, ainda existem algumas paróquias que celebram as missas chamadas "tridentinas", realizadas em latim. Contudo, entre 1962 e 1965, ocorreu o Concílio Vaticano II, no qual foi determinado que as celebrações das missas seriam na língua vernácula, e que o celebrante ficaria voltado para a assembleia.⁹

Após o casamento, Tia Maria saiu da Rua Balaiada e foi morar perto da Grota, também na Serrinha, na Rua Doutor Joviano, passando a ser conhecida como Tia Maria da Grota. Ela e Ivan Mendes tiveram dois filhos: Ivan Mendes e Ivo Mendes. Eram felizes, mas, com a voz embargada, Tia Maria dizia: “Meu marido bebia muito, passei por muita coisa” (Sinval; Monteiro, 2022, p. 128). Tia Maria conta que, enquanto seu marido era vivo, todos os anos, no dia de São Pedro, havia uma grande festa em sua casa, com muitos doces, canjica,

⁹ O Concílio Vaticano II foi um acontecimento eclesial que aconteceu entre 1962 e 1965. Foi o 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica e foi convocado pelo Papa João XXIII em 1961.

broas de milho, fogueira e muita criançada.

Tia Maria aprendeu a ler e escrever com os filhos. Ivan Mendes, o mais velho, nasceu em 13 de fevereiro de 1943 e faleceu em 2006. Ele guardava todos os livros, cartas e documentos de seus filhos. Quando Ivan cursava a 4ª série, ele escreveu uma linda carta para sua mãe, no dia 10 de maio de 1953, prometendo fazer todas as suas vontades. Tia Maria guardou essa carta por toda a vida, e ela atualmente faz parte do acervo do Jongo da Serrinha. Esse acervo será, em breve, transformado no Museu da Tia Maria e do Jongo, onde serão expostos documentos oficiais e familiares, vestimentas, objetos, a máquina de costura, entre outros itens. Ivo Mendes, o filho caçula, nasceu em 15 de abril de 1945, mas foi registrado apenas em 18 de abril de 1945. Naquela época, o registro das crianças tinha um custo elevado, o que justificava o fato de muitos registros serem feitos após algum tempo do nascimento.

Tia Maria lutou muito para que seus filhos tivessem a oportunidade de estudar. Para ela, não existia lugar melhor do que sua casa, na Serrinha. Mesmo quando tinha compromissos de trabalho ou passeios, Tia Maria ficava ansiosa para retornar ao seu lar, que ela considerava o melhor lugar do mundo.

De onde vinha tanta vitalidade e disposição? Qual seria o segredo de tanta saúde e energia? Tia Maria cumpria rigorosamente os horários de suas refeições. Acordava bem cedo para tomar seu café, sempre bem quente, acompanhado de pão dormido, uma peculiaridade sua. Gostava muito de queijo, manteiga (e nunca margarina), frango, quiabo (um prato típico da culinária mineira), angu e feijão. À noite, sempre jantava e tomava mingau de sagu molinho. (Sinval; Monteiro, 2022).

Tia Maria era uma mulher atenta, assistia à TV, acompanhava as manchetes nos jornais e se mantinha informada sobre os acontecimentos políticos e socioculturais. Ela adorava contar suas histórias, principalmente sobre as caminhadas do dia a dia pelas ruas da Serrinha, tendo sua vida inteira sendo marcada por esse percurso. Faleceu com 98 anos, tendo repetido frequentemente: “Eu vi a Serrinha nascer”. (Sinval; Monteiro, 2022, p.130).

Tia Maria gostava de andar pelas ruas da sua Serrinha e, com orgulho e altivez, falava sobre isso. Ela testemunhou a construção de cada residência e o surgimento de cada alicerce, compartilhando esse momento com os moradores. Descia a Rua Pescador Josino, que hoje é a Rua Mestre Darcy, subia a Rua Maruim, hoje Rua Silas de Oliveira, o nosso compositor maior, e virava a Rua Lambari, que já foi a Rua Mestre Fuleiro, nosso diretor de harmonia, e atualmente é a Rua Antônio dos Santos. Tia Maria subia e descia as ladeiras da Serrinha, especialmente a Rua Dr. Joviano, onde residia após seu casamento. Ela lembrava com carinho: “Minha casa tinha um quintal maravilhoso. Essas ruas todas, ruas da Serrinha, ruas da minha vida.” (Sinval; Monteiro, 2022, p.132).

Segundo o sociólogo Muniz Sodré, a territorialidade não se limita a uma simples ocupação física de um espaço, mas envolve uma relação profunda de pertencimento e identidade, a qual é mediada por símbolos, práticas culturais e experiência sensorial e afetiva dos indivíduos com o ambiente no qual estão inseridos. Os territórios são construções carregadas de significados culturais e sociais, impregnados de história, memórias e relações de poder.

Compreender a dimensão simbólica de territorialidade é essencial para entender as dinâmicas sociais e culturais que moldam as identidades e os pertencimentos no contexto urbano. Para o sociólogo “[...] território do corpo, relacionado com o espaço pessoal, como próprio corpo e espaço adjacente, pela flexibilidade – esta é uma delimitação invisível do espaço que acompanha o indivíduo” (Sodré, 2019, p. 39).

O senso de pertencimento a um território, é um elemento vital, para o desenvolvimento social e a construção de identidades. A territorialidade se torna também um espaço de referência para a construção da identidade, seja, individual ou coletiva e fortalece os vínculos sociais entre os membros de uma comunidade, tal qual ocorre no Jongo da

Serrinha.

Lazir Sinval, sobrinha neta de Tia Maria, conta que os membros da família Oliveira, junto com a família Monteiro, foram pioneiros do jongo no morro da Serrinha. As bisavós de Lazir, Etelvina Severo de Oliveira e Francisco José de Oliveira, o Zacarias, migraram de Minas Gerais para a Serrinha em 1910. Dos treze filhos, nove sobreviveram.

Tia Maria era uma mulher cheia de histórias e uma grande organizadora. Anotava tudo meticulosamente – não apenas registros e documentos importantes, mas também suas queixas e até palavrões quando estava zangada, mantendo um caderno que se tornava seu diário pessoal. Após sua partida, foram encontrados vários documentos importantes, incluindo um intitulado Bônus à Escola de Samba, uma iniciativa para arrecadar fundos para o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, mantida pela comunidade da Serrinha.

A casa de Tia Maria era um lugar de alegria e movimento constante, sempre cheia de crianças da vizinhança. Era uma verdadeira casa de passagem, onde entrava e saía gente a qualquer hora do dia e da noite Tia Maria também teve um papel fundamental na fundação de blocos carnavalescos na Serrinha. Ela foi responsável por criar o Arco Íris e o Flecha de Ouro, sendo este último um bloco que se destacava por suas fantasias douradas. A ala Velha Guarda do Pena Vermelha também fazia parte da movimentação cultural de Tia Maria, e o bloco desfilava por diversos bairros, levando o nome da Serrinha para fora. A bateria do Flecha e do Pena Vermelha era composta pelos mesmos ritmistas da Império Serrano, reforçando a forte conexão com a tradição do samba e da cultura local.

Esses momentos, repletos de alegria e união, representavam o espírito de Tia Maria: uma mulher que era, ao mesmo tempo, parte de uma rica tradição cultural e um símbolo de força e vitalidade na Serrinha. Ela sabia, com sua sabedoria e dedicação, unir as pessoas e manter vivas as raízes culturais que tanto valorizava.

Outro momento icônico na vida de Tia Maria era a preparação para o Carnaval, especialmente a experimentação de suas fantasias, que sempre atraíam os olhares curiosos e admirados dos moradores da Serrinha. Sua fantasia de baiana, em particular, era aguardada com grande entusiasmo, e todos se reuniam para acompanhar sua transformação em uma verdadeira estrela do samba.

As roupas de Tia Maria não eram apenas roupas, mas representações do cuidado e da alegria com que ela vivia cada momento, um reflexo de sua personalidade vibrante e acolhedora. As peças de vestuário que usava eram cuidadosamente escolhidas ou feitas por ela mesma, e sua coleção de acessórios, como brincos de pressão, colares, pulseiras e leques, era uma demonstração do carinho que ela recebia da comunidade, um símbolo do amor e do respeito com que todos a viam.

Tia Maria realmente fazia da sua casa um centro de celebração e cultura, com festas que pareciam nunca ter fim. Suas festas eram conhecidas por sua grandiosidade, com muita comida – uma mistura de salgados e doces que agradava a todos os presentes. Elas não duravam apenas algumas horas, mas chegavam a se estender por dias, com alegria e muita movimentação. E, claro, as festas de Tia Maria nunca estariam completas sem a presença de Mestre Jájá, um dos principais mestres do jongo da Serrinha. Ele chegava, pegava seu tambor, e logo a casa se enchia dos sons da tradicional roda de jongo, que começava de forma vibrante e continuava com muita macumba, dando o tom de espiritualidade e respeito pelas raízes da cultura negra. (Sinval; Monteiro, 2022).

Outro aspecto importante nas festas eram as garrafadas, que eram preparadas pelos mais velhos da comunidade. Essas garrafadas eram feitas com vinho misturado com ervas e outros ingredientes especiais, com o objetivo de dar força e energia, principalmente aos homens. As garrafadas eram consideradas uma espécie de "remédio" natural, muito usadas pelos mestres jogueiros. Muitos deles trabalhavam no cais do porto, na dura rotina de carregar e descarregar navios, aguardando nos Cantos, para serem convocados ao trabalho, e

essas bebidas ajudavam a dar energia para suportar o trabalho árduo e as longas horas. (Reis, 1993).

Essas festas e tradições não eram apenas momentos de diversão, mas também de resistência, de afirmação da identidade e da cultura afro-brasileira, preservadas com muito orgulho e carinho por Tia Maria e pela comunidade da Serrinha. Elas eram uma forma de manter viva a memória, o espírito coletivo e a conexão com os ancestrais, que foram tão importantes na construção da história da região.

Após o falecimento da matriarca Vovó Maria Joana, em 1986, mestre Darcy, ficou muito abalado, pois ambos eram muito unidos e comandavam o jongo. Desde então passou o comando do jongo para Tia Maria, por ser ela a mais idosa do grupo, possuía mais conhecimento e sabedoria que os demais, além de ser muito respeitada por todos. Para liderar, era fundamental ter alguém para conduzir o grupo, para representar, saber liderar com pulso forte e humildade. Mestre Darcy sabia que precisaria muito dela. Mestre Darcy e Tia Maria se davam muito bem, pareciam irmãos, faziam aniversário no mesmo dia.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano nasceu na casa de Tia Maria. Antes era o bloco Prazer da Serrinha, depois Império. Molequinho, irmão de Tia Maria, foi quem escolheu as cores: o branco da paz e o verde da esperança. Seus irmãos João Gradin e Eulália cuidavam das fantasias e quando o Império Serrano ganhava o Carnaval, subiam as ladeiras da Serrinha soltando foguetes que era uma forma de comunicar a toda a comunidade a vitória do Império Serrano.

Por tudo isso, o jongo da Serrinha carrega em sua essência a memória de resistência, de ancestralidade e da luta cotidiana de mulheres como Vovó Maria Joana e Tia Maria, cujas histórias são testemunhos vivos de um legado inquebrantável. A tradição do jongo, com sua dança, música e cânticos, é o fio condutor que atravessa o tempo, conectando gerações e preservando o saber popular e a força cultural que essas mulheres simbolizam.

Essas mulheres resistiram e sobreviveram através de um esforço coletivo, sustentado pela oralidade, pelo canto, pela dança, pela espiritualidade e pela territorialidade. A memória que transmitiram e o valor da ancestralidade que carregaram foram o alicerce de suas vidas. O Jongo da Serrinha é mais do que uma expressão musical, é um espaço de resistência e de afirmação de identidade, onde a história de cada mulher que o compõe se entrelaça com as histórias coletivas de um povo que luta pela sua existência, sua cultura e seus direitos.

Essas heroínas, como Tia Maria, não apenas sobreviveram, mas floresceram, mantendo vivas suas tradições, pois enfrentaram desafios econômicos, sociais e até mesmo a repressão cultural. Elas não só preservaram o conhecimento ancestral, mas o passaram adiante, garantindo que as gerações mais jovens entendessem a importância de sua história e do movimento que representam.

O fato de Tia Maria, por exemplo, ter chegado aos 98 anos e outras mulheres terem vivido por mais de um século, é um testemunho de sua força, determinação e, provavelmente, da conexão profunda com a comunidade e com suas raízes culturais. Essas mulheres foram muito mais do que sobreviventes; elas foram guardiãs e transmissoras de uma herança cultural que hoje continua viva, sendo perpetuada pelas novas gerações de jongueiros e jongueiras.

A resistência delas não estava apenas no sustento diário de suas famílias, mas também na preservação de um legado cultural que atravessa gerações. Elas representaram e ainda representam o que há de mais profundo em nossa memória coletiva, e é esse legado que faz com que sua história nunca seja esquecida. Através de cada canção, cada dança, cada história contada e recontada, elas continuam a viver, ensinando aos outros, especialmente à juventude da Serrinha, o valor da resistência, da ancestralidade e da solidariedade.

O Jongo da Serrinha é, sem dúvida, um lugar onde as histórias de resistência feminina, espiritualidade e ancestralidade continuam a ser honradas e celebradas, perpetuando a memória de mulheres como Tia Maria, que, em suas ações cotidianas, já eram heroínas. É de

extrema importância destacar a força das mulheres jongueiras, que desempenharam um papel crucial na preservação e fortalecimento da cultura do Jongo da Serrinha e, por extensão, da cultura afro-brasileira. Estas mulheres, como Vovó Maria Joana, Evelyn Monteiro, Tia Maria, e outras matriarcas e líderes de outros territórios jongueiros, não só foram fundamentais na transmissão dos saberes tradicionais, mas também desempenharam papéis decisivos na luta por liberdade, respeito e direitos para suas comunidades. (Sinval; Monteiro, 2022).

Essas mulheres foram educadoras incansáveis, sendo responsáveis pela formação de gerações de jovens, transmitindo-lhes não só os ensinamentos culturais do Jongo, mas também as lições de resistência e empoderamento. Elas foram as matriarcas que mantiveram viva a chama do Jongo, com sua força de vontade, sua paixão pela cultura e sua dedicação à preservação da história. Em suas mãos, o Jongo não era apenas uma manifestação cultural, mas também um instrumento de luta e afirmação identitária.

Essas mulheres de forte personalidade foram essenciais para garantir que o Jongo da Serrinha não apenas sobrevivesse ao longo do tempo, mas também florescesse e se mantivesse como um símbolo de resistência e orgulho. Elas atuaram na linha de frente da luta pela preservação das tradições culturais, como também na luta por políticas públicas que garantissem o respeito e a valorização da cultura negra e do povo da Serrinha. (Sinval; Monteiro, 2022).

Além disso, elas foram líderes em suas comunidades e em outros territórios, promovendo a organização comunitária, a valorização da oralidade e do conhecimento ancestral, e defendendo os direitos das mulheres e das crianças dentro e fora do espaço do Jongo. Através do seu trabalho constante, elas ajudaram a construir espaços de respeito e valorização das mulheres negras, criando um legado de fortaleza e liderança que ainda ressoa.

O artigo visa, portanto, reconhecer e celebrar essas mulheres que foram, e continuam sendo, fundamentais para a preservação do Jongo e para a construção de um futuro mais justo e igualitário para as comunidades negras. Tia Maria, Vovó Maria Joana, Evelyn Monteiro, e outras, com sua determinação e sabedoria, garantiram que a cultura do Jongo não fosse apenas uma expressão artística, mas também um ato de resistência e afirmação identitária. Portanto, é essencial salientar a força e a importância dessas mulheres que, por meio de suas ações, ajudaram a garantir o respeito, a dignidade e a valorização das comunidades negras, e que continuam a ser referências de luta e gerações.

2.3 A casa do jongo

A Casa do Jongo representa uma importante conquista para a preservação e promoção da cultura do Jongo da Serrinha e, mais amplamente, da cultura afro-brasileira. Inaugurada em 29 de novembro de 2015, a casa ocupa um antigo espaço da Caixa de Pecúlio e Pensões Montepios Beneficente e foi reformada com a parceria da Prefeitura do Rio de Janeiro.

O imóvel de 2.000 m², localizado em Madureira, foi adquirido e renovado em 2013, oferecendo um novo espaço para abrigar a memória do Jongo da Serrinha, uma das manifestações culturais mais tradicionais e representativas da comunidade negra no Rio de Janeiro. Casa do Jongo é o local da sede da ONG na qual são desenvolvidos todos os projetos socioeducativos culturais. (Simonard, 2005).

Imagem 7 – Casa do Jongo, Morro da Serrinha – Madureira, Rio de Janeiro/RJ



Fonte: MOSCARDINI, Gabriela e BIBIANO, Matheus. Inauguração da Casa do Jongo na Serrinha. **Pontão jongo**. 2016. Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br/inauguracao-da-casa-do-jongo-na-serrinha> Acesso em: 04/06/2025.

Tia Maria, figura central no Jongo da Serrinha, teve um papel fundamental na conquista desse espaço. Ela foi à Prefeitura do Rio de Janeiro e lutou incansavelmente para que o imóvel fosse cedido, garantindo a continuidade dos projetos culturais voltados para a preservação do Jongo e a formação de novas gerações de jongueiros.

Através de sua luta e dedicação, ela conseguiu assegurar que a Casa do Jongo fosse um local de resistência, educação e valorização cultural. Além disso, Tia Maria também foi responsável pela captação de recursos para a manutenção e expansão das atividades da casa. Para isso, ela recorreu à lei de incentivos à cultura, participando de editais e projetos que garantiram a continuidade das ações culturais. Um dos projetos mais notáveis foi o Escola de Jongo, que visava oferecer oportunidades educativas e culturais para as crianças e adolescentes da comunidade.

Mapa 2: Território Jongueiro na Serrinha



Fonte: Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha. **O território**, 2023. Disponível em: <https://jongodaserrinha.org/trabalho/> Acesso em: 04/06/2025.

O Quilombinho, na Rua Balaiada, um espaço anterior que atendia a jovens da

comunidade, já não comportava mais a demanda crescente de participantes, o que fez com que a Casa do Jongo fosse ainda mais relevante. A Casa do Jongo passou a ser o centro de atividades, oferecendo um local adequado para o ensino de Jongo, o desenvolvimento de projetos sociais e educativos, e a preservação de memórias culturais. Além disso, a casa é também um ponto de referência para a promoção da cultura popular, do respeito à ancestralidade e da valorização das manifestações negras na cidade do Rio de Janeiro. A luta de Tia Maria e a criação da Casa do Jongo são marcos fundamentais na preservação da história e da cultura da Serrinha e do Jongo, garantindo que essa manifestação cultural continue a ser transmitida de geração em geração, mantendo viva a memória de suas raízes e a força de sua ancestralidade.

A Escola de Jongo tem se consolidado como um espaço fundamental para a preservação cultural e para a formação socioeducativa de crianças e adolescentes da comunidade de Madureira e arredores. Com 23 anos de história, a escola desenvolve atividades que vão além da educação formal, promovendo a valorização das culturas de matriz africana e contribuindo para a formação integral dos jovens.

Imagem 8 – Aula de Jongo na Arena Fernando Torres, em Madureira



Fonte: NERY. 2025 – Acervo pessoal.

A principal atividade da escola é o Jongo, uma manifestação cultural afro-brasileira que está sendo perpetuada por meio de oficinas, além de outras atividades como capoeira, danças populares, canto, percussão, cavaquinho, violão e contação de histórias. A escola também oferece oficinas de dança afro, recreação cultural e outras atividades que são realizadas no contraturno escolar. Esse modelo de educação oferece aos estudantes uma alternativa de aprendizado enriquecedor, com a possibilidade de integrar valores culturais à sua formação acadêmica.

A parceria com as escolas públicas locais e com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do seu programa de extensão, garante uma abordagem multidisciplinar e acadêmica para as atividades da escola, ampliando as possibilidades de desenvolvimento das crianças e jovens atendidos.

Embora muitos dos alunos da Escola de Jongo não se tornem necessariamente jongueiros, as atividades culturais e o ensino do jongo desempenham um papel importante na formação educacional deles. A presença do jongo, da capoeira, da música e das danças afro-brasileiras contribui significativamente para a construção da identidade cultural dos jovens, além de incentivar valores como respeito às tradições, solidariedade, trabalho em equipe e

valorização da ancestralidade.

A reinauguração da Casa do Jongu, em dezembro de 2024, representa um marco importante para o Jongu da Serrinha e para a continuidade desse trabalho fundamental. A casa será novamente o centro de memórias culturais e de atividades culturais e educacionais, reafirmando a força da resistência cultural e o legado deixado por figuras como: Vovó Maria Joana, Tia Maria, Evelyn Monteiro e tantas outras lideranças da comunidade. Com mais de três mil alunos atendidos ao longo dos anos, e com cerca de cem alunos atualmente, a Escola de Jongu segue firme no propósito de manter viva a tradição do jongu e de fortalecer a educação cultural e social dos jovens, preparando-os para o futuro enquanto os conecta com as raízes de sua ancestralidade.

Além de seus famosos shows e apresentações culturais, o Jongu da Serrinha se dedica à produção de arte em diversas linguagens, como fotografias, exposições, livros e outras formas de expressão que resgatam e celebram a cultura afro-brasileira, especialmente a tradição do jongu. A atuação do Jongu da Serrinha vai além do palco, com o compromisso de preservar e divulgar a cultura negra e suas manifestações, não apenas em sua comunidade, mas também em outras regiões e estados. (Sinval; Monteiro, 2022).

Através da Rede de Jongu e Caxambu do Sudeste, o grupo articula e fortalece a união de mais de 50 comunidades jongueiras espalhadas pelos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Esta rede é fundamental para garantir a perpetuação do jongu e outras práticas culturais afro-brasileiras, além de promover a valorização da ancestralidade e a integração cultural entre as comunidades. (Mattos; Abreu, 2009).

No Rio de Janeiro, o Jongu da Serrinha, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é um dos principais articuladores dessa rede, que conecta 13 comunidades jongueiras no interior do estado e mais de 30 outras no Sudeste do Brasil. Esse trabalho articulado é uma forma de fortalecer a luta pela preservação do jongu e de outras tradições culturais, enquanto promove o empoderamento cultural e a identidade coletiva dessas comunidades. O Jongu da Serrinha, com sua visão inclusiva e colaborativa, desempenha um papel essencial para a manutenção dessas manifestações tradicionais, oferecendo um espaço para o compartilhamento de saberes, experiências e ações conjuntas em prol da cultura popular e da resistência afro-brasileira.

Além das apresentações culturais, a atuação do Jongu da Serrinha também se reflete em suas exposições, fotografias e publicações que ajudam a documentar e disseminar o legado do jongu para as novas gerações e para o público em geral. Dessa maneira, a organização contribui não só para a preservação cultural, mas também para a educação e formação de um público mais consciente da importância das tradições afro-brasileiras. (Sinval; Monteiro, 2022).

3 CONCLUSÃO

O jongu não é apenas uma dança ou uma expressão de resistência, mas uma manifestação cultural que se reflete na atuação social e comunitária. O trabalho feito na Serrinha é um exemplo brilhante de como a cultura pode ser preservada, ensinada e valorizada, ao mesmo tempo em que serve de ferramenta de transformação social para a comunidade. Ao separar a ideia de jongu da religiosidade e destacar seu papel como elemento de resistência e educação, fica claro como o jongu é uma importante força de mudança e fortalecimento da identidade das comunidades negras no Brasil.

A força das matriarcas Vovó Maria Joana e Tia Maria no contexto do Jongu da Serrinha não pode ser subestimada. Elas foram, sem dúvida, pilares dessa tradição, atuando como guardiãs da cultura e como agentes de transformação na comunidade. A importância dessas mulheres, não apenas resgata suas histórias de vida, mas também reconhece o papel

vital delas no fortalecimento e perpetuação do jongo, contra todas as adversidades que a cultura afro-brasileira enfrentou ao longo dos anos.

Embora tentem apagar suas memórias, essas mulheres continuam vivas e suas histórias permanecem muito poderosas. As memórias dessas matriarcas não serão apagadas, porque sua ação, legado e influência têm um impacto profundo que vai além da simples lembrança. Elas são referências e suas histórias e contribuições continuam a inspirar e a formar novas gerações de jongueiros, jovens, e membros da comunidade. O objetivo da minha pesquisa, foi concluído com sucesso. Destacando, sobretudo, a força das mulheres negras, herdeiras do axé e de suas raízes africanas, ressaltando a importância da cultura oral e do legado ancestral, que as remete a força, a autonomia das mulheres em Benguela na África no século XVIII.

No Jongo da Serrinha, em Madureira, as matriarcas desempenham um papel fundamental na preservação dessa tradição. Entre elas, salientar a memória de Tia Maria do Jongo, uma liderança de pulso firme, cuja atuação foi essencial para a continuidade e resistência do Jongo.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Mariana Pinto. Gênero, Classificações e comércio: as donas de Benguela, 1750-1850. *In: Actas do III. Encontro Internacional de História de Angola*. Luanda, 2015.
- CASTRO, João Paulo M. Espaços e formas de sociabilidade na favela da Serrinha. *In: Revista da Universidade Rural, Série Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, 2000.
- CARDOSO, Paulo César; SILVA JUNIOR, Antonio Ferreira. O jongo como caminho para novas práxis educacionais. *In: Revista da ABPN*, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/479/510/1117> Acesso em 05/02/2025.
- COSTA, Rute; FONSECA, Alexandre. O processo educativo do jongo no Quilombo Machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade. *In: Educação e Sociedade*. Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/f3zpJXhrSXgNgwRVcw348LG/> Acesso em: 05/06/2025.
- GANDRA, Edir. **Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos**. Rio de Janeiro: Giorgio Gráfica. Editora UNIRIO, 1995.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Dossiê nº 5 - Jongo no Sudeste**. Brasília: Iphan, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf Acesso em 11/04/25.
- LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo (orgs.). **Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949**. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.
- MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Orgs.). **Pelos Caminhos do Jongo e do Caxambu: História, Memória e Patrimônio**. Niterói: EdUFF, 2009.
- RAZÕES AFRICANAS. Direção: Jefferson Mello. Brasil, EUA, Cuba, Angola, Mali, República Democrática do Congo, 90 min, 2023.

REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. *In: Revista USP*, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25988> Acesso em: 05/06/2025.

SIMONARD, Pedro Henrique. **A construção da tradição Jongo da Serrinha: uma etnografia visual de seu processo de espetacularização**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ UERJ. Rio de Janeiro, 2005.

SINVAL, Lazir; MONTEIRO, Deli. **Conversas de Quintal: 60 anos do Jongo da Serrinha**. Rio de Janeiro: Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha, 2022.

SLENES, Robert W. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta no Brasil. *In: Revista USP*. São Paulo, 1992. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25575> Acesso em 05/06/2025.

SLENES, Robert W. Eu venho de muito longe, eu venho cavando: jogueiros cumba na senzala centro-africana. *In: LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo (orgs.). Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949*. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

UMA RESENHA COM TIA MARIA DO JONGO. Produção: João Luiz. Rio de Janeiro, 27min48s, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ffzOeD3Wf5U&t=806s> Acesso em: 05/06/2025.

ANEXO A – PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Introdução

A proposta pedagógica tem como objetivo a introdução e disseminação das culturas tradicionais africanas. Esse projeto busca fornecer aos estudantes uma compreensão profunda sobre as influências e as contribuições das culturas africanas para a formação da identidade brasileira.

O projeto está alinhado com a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. A lei estabelece a importância de integrar os conhecimentos sobre as tradições africanas, sua história, e os impactos da diáspora africana no Brasil. Nesse contexto, o projeto pedagógico visa fortalecer o aprendizado e a valorização da cultura banto, destacando sua presença e herança no país.

O jongo, uma manifestação cultural originária dos povos e culturas da África Central, especificamente da região de Congo-Angola, é uma das expressões mais representativas da cultura banto no Brasil. A prática do jongo e suas manifestações, como a dança, música e ritmos, servem como um elo fundamental para a preservação da memória e a resistência cultural das populações negras no Brasil. A proposta visa, assim, contribuir para preservar essa tradição e fazer com que as novas gerações entendam a importância da herança cultural africana e seu papel fundamental na formação da identidade brasileira. Como afirmam Paulo César Cardoso e Antonio Ferreira Silva Jr.:

[...] a adoção do jongo como prática cultural promotora da (re)afirmação identitária se manifesta por meio de sua atuação — ainda que ressignificada — como preservadora de saberes e valores tradicionais. No ambiente escolar, o jongo configura-se como um instrumento potente na formação e valorização da identidade negra (Cardoso; Silva, 2018, p. 466).

Através da oficina e atividades culturais, o projeto trabalha a educação sensorial e cognitiva, levando os alunos a vivenciarem de perto as manifestações de cultura afro-brasileira, como o jongo, danças afro, músicas, e outras práticas. O objetivo é engajar as crianças e jovens no processo de preservação dessas culturas e ensinar o valor do respeito à diversidade e à ancestralidade, assegurando que as tradições africanas permaneçam vivas nas próximas gerações. Afinal, como apontam Rute Costa e Alexandre Fonseca:

[...] o processo educativo do jongo aponta para a preservação de uma tradição cultural que afirma, constrói e significa uma identidade negra positiva, consciente e crítica. A atividade com as crianças e os jovens parece promissora, pela habilidade musical e corporal dos jongueiros e pela liberdade de criação de perspectivas de se dançar/pensar essa prática cultural (Costa; Fonseca, 2019, p. 15).

Essa habilidade deve ser trabalhada com enfoque crítico e interdisciplinar, buscando promover o respeito a diversidade étnico-racial conforme Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. A proposta utilizará bonecos como personagens para contar a história do Jongo na escola, como forma de aproximar as crianças da cultura afro-brasileira, especialmente no contexto do Jongo da Serrinha e das figuras importantes dentro dessa tradição.

1. Ensino Fundamental II

Ano/Série: 7 ano;

Duração: 5 tempos de aulas (45 min. cada);

Unidade Temática: África e os africanos antes da colonização europeia.

BNCC: EF07HI01 – Identificar a diversidade dos povos africanos e afrodescendentes, reconhecendo suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. Cultura religião, comercio e ciência africana. Organização social e política. Valorização das matrizes africanas na cultura brasileira.

1.1 Objetivos da atividade

Envolver as crianças no aprendizado através de atividades lúdicas e visuais, para que elas se sintam parte da história e se conectem com as figuras de liderança no Jongo. Estimular o gosto pela música e dança de forma interativa, promovendo a cultura afro-brasileira no dia a dia das crianças. Conscientizar as crianças sobre a importância do jongo, sua história, ancestralidade e o impacto que figuras como Vovó Maria, Tia Maria, Deli Monteiro e Tio Darcy tiveram na preservação da tradição. Promover a integração de música e movimento com o tambor, para dar uma experiência imersiva e sensorial sobre o jongo. Essa forma de ensinar de maneira lúdica, interativa e sensorial, permitirá que as crianças se apropriem da cultura do jongo, entendam sua importância na formação da identidade cultural brasileira e desenvolvam respeito pela herança afro-brasileira.

1.2 Atividade: teatro de bonecos

Esta oficina é inspirada no espetáculo Jongo Mamulengo criado pelo Centro Cultural Jongo da Serrinha. O uso de bonecos para representar Vovó Maria, Tia Maria, Deli Monteiro e Tio Darcy tornará o aprendizado mais divertido e interativo, ao mesmo tempo em que transmitirá os valores de ancestralidade, resistência e preservação cultural.

Imagem 9 – Espetáculo Jongo Mamulengo



Fonte: BRAJTERMAN, Ricardo. Jongo Mamulengo, temporada no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro. **Urdimento**, 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018035/8704> Acesso em: 04/06/2025.

Durante a contação de histórias, os bonecos representam figuras importantes da cultura do jongo. Quando as histórias de vida dessas figuras são narradas, os bonecos são apresentados, com os ajudantes ocultos atrás da lona, criando um efeito de surpresa e engajamento para as crianças. As crianças ficaram sentadas e à medida que os personagens

vão entrando, as crianças podem aprender sobre as trajetórias de Vovó Maria, Tia Maria, Deli Monteiro e Tio Darcy, e como suas contribuições para o Jongo impactaram a cultura popular e quilombola no Brasil. Nos intervalos da apresentação, a ideia é cantar pontos de jongo ao som de um tambor e envolver ainda mais as crianças na cultura musical do jongo. Alguns pontos de jongo pequenos que podem ser cantados durante o momento interativo. Como por exemplo Pisei na pedra de Mestre Darcy: “Eu pisei na pedra a pedra balanceou; O mundo tava torto rainha endireitou; Pisei na pedra a pedra balanceou; Mundo tava torto rainha endireitou (Lara; Pacheco, 2007, p. 28).”

Durante as apresentações, o som do tambor irá criar a atmosfera rítmica que é característica do Jongo, ajudando as crianças a sentirem a pulsação dessa manifestação cultural.

2. Ensino Médio

Ano/Série: 1º ano.

Duração: 5 tempos de aula (45 min. cada).

Unidade Temática: Desconstruindo Estereótipos; A diversidade Cultural e Histórica da África.

EM13CHS601: Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes no Brasil contemporâneo, considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

2.1 Objetivos da atividade

Compreender a diversidade cultural, social e política dos povos africanos antes e após a colonização europeia. Destacar e valorizar as contribuições das culturas africanas na formação da sociedade brasileira. Desenvolver uma postura crítica em relação a estereótipos e preconceitos sobre a África e seus povos.

2.2 Atividade: contação de histórias com a mestra Griô.

Pretende-se realizar uma oficina de jongo para alunos do 1º ano do Ensino Médio, com o objetivo de promover a educação cultural e reflexões importantes sobre ancestralidade, resistência, igualdade de direitos e o combate ao racismo nas escolas. A proposta será uma imersão na cultura afro-brasileira, não só por meio da música e dança, mas também do valor da história oral, da identidade cultural e da valorização do conhecimento tradicional.

A griô contará as histórias do Jongo e sua importância para a cultura afro-brasileira, explicando como a tradição se mantém viva através da oralidade e das tradições passadas de geração para geração. Serão abordados temas como: ancestralidade e a resistência no jongo, como os negros usaram a música e a dança para preservar sua cultura e resistir à opressão; Luta pela liberdade e igualdade; Importância de entender o contexto histórico da discriminação e do racismo, e como a cultura afro-brasileira, como o jongo, tem sido uma ferramenta de resistência; Valorização da identidade cultural e como as novas gerações podem se apropriar dessa tradição para promover visibilidade e conhecimento; Direitos humanos e igualdade, discutir como o jongo e a educação cultural contribuem para acesso à educação e autonomia para jovens negros.

Durante a explanação dos temas abordados, haverá intervalos, nos quais a griô incluirá contos, pontos de jongo e músicas tradicionais, para engajar as crianças e deixar a narrativa mais dinâmica e envolvente. Na sequência, teremos a presença de um Mestre de Percussão, que ensinará as crianças sobre o toque do tambor, essencial no Jongo, além de proporcionar uma experiência prática de ritmo e musicalidade.

Imagem 10 – Aula de Percussão na Casa do Jongo



Fonte: Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha. **Escola Jongo da Serrinha**, 2023. Disponível em: <https://jongodaserrinha.org/escola-do-jongo-da-serrinha/> Acesso em: 04/06/2025.

Iniciaremos essa segunda parte da oficina com a experimentação livre dos tambores, para que as crianças sintam o som, a vibração e a textura dos instrumentos; em seguida com o posicionamento das mãos e postura, no qual mestre de percussão pode demonstrar como posicionar as mãos corretamente no tambor para obter o melhor som e evitar machucar as mãos; o mestre poderá ensinar alguns toques simples, começando com batidas de jongo e progressivamente tornando a oficina mais desafiadora; as crianças terão a oportunidade de se revezar tocando os tambores; diversão e aprendizado com a troca de tambores cria um ambiente interativo e colaborativo e finalmente integração do canto e do tambor.

Imagem 11 – Roda de jongo com crianças.



Fonte: RIBEIRO, Geraldo. **Jornal Extra**, 2018. Disponível em: <https://camaradecultura.org/casa-do-jongo-une-forcas-e-reabre-as-portas-no-proximo-dia-31> Acesso em: 04/06/2025.

Após a experimentação com os tambores, o mestre pode introduzir como o tambor e os pontos de jongo se integram, criando uma experiência completa que liga música e canto.

No final da oficina, realizarei uma roda de conversa para discutir o que as crianças aprenderam e refletir sobre os temas abordados. Como o jongo se conecta com a história e a cultura afro-brasileira? A importância de valorizar a identidade cultural e a preservação das tradições.

Encerraremos com uma apresentação coletiva. Abriremos uma roda de jongo. Todos juntos, iremos cantar o ponto de jongo Rosário de Maria do Mestre Darcy do Jongo, tocando os tambores, dançando e cantando juntos, celebrando o aprendizado da oficina.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Paulo César; SILVA JUNIOR, Antonio Ferreira. O jongo como caminho para novas práxis educacionais. *In: Revista da ABPN*, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/479/510/1117> Acesso em 05/02/2025.

COSTA, Rute; FONSECA, Alexandre. O processo educativo do jongo no Quilombo Machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade. *In: Educação e Sociedade*. Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/f3zpJXhrSXgNgwRVcw348LG/> Acesso em: 05/06/2025.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos esses meses de estudos.

Agradeço ao meu esposo Odilon, que durante essa caminhada, esteve sempre a meu lado, me incentivando, me apoiando, sendo meu parceiro, amigo e cúmplice. Agradeço as minhas filhas Andressa e Wanessa, pelo apoio, força e auxílio referente a tecnologia como: informática, aplicativos programas de software. Agradeço as minhas irmãs Terezinha e Maria Helena, que acreditaram no meu desenvolvimento.

Agradeço ao coordenador e professor do curso Glaydson Matta, a equipe da Secretaria de Pós-graduação, Campus Centro, pois foram muito solícitos.

Agradeço a todos os professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

Agradeço ao meu orientador, o professor Glaydson Gonçalves Matta, por ter aceitado acompanhar-me neste projeto. O seu empenho foi essencial para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do percurso. Enfim, sou grata a todos os professores do Campus Centro, pois todos contribuíram para a realização do meu sonho, uma vez que, “sonhos não envelhecem”.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Gratidão às minhas companheiras Neide Valentim e Andreia Conceição.